

05-11-2020

11 teses para salvar o fim do mundo

Fabrizio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório do trabalho latino-americano]

Pierre Ghoznée é um filósofo provavelmente francês e provavelmente naturalizado argelino ou marroquino, misantropo, avesso a redes sociais, e que só se sabe que provavelmente está vivo porque trata de coisas contemporâneas, inclusive da pandemia do Sars-Cov 2.

Seus abundantes escritos são recolhidos por seus seguidores no lixo das modestas cabanas que costuma habitar em suas peregrinações pelo Norte da África. Seus seguidores são anônimos e, ao que tudo indica, Ghoznée não sabe dessa sua existência, ou finge não saber, dele nunca se sabe nada.

Quando cheguei no escritório do OTL, aqui em Bogotá, há uns dois meses, nosso camarada Ramón me entregou um envelope e me alertou: “*Fabrizio, cuidado, no hay remitente!*” Entendi sua mensagem pela permanência das FARC [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia] no inconsciente do povo colombiano, quando cartas sem remetente podiam trazer notícias literalmente bombásticas. Confesso que também estranhei, mas segui em frente.

Não era uma carta. 11 páginas (mal) copiadas traziam no título: **11 TESES PARA SALVAR O FIM DO MUNDO. POR PIERRE GHOZNÉE**. Imediatamente me lembrei das Teses sobre Feuerbach, de Marx, escritas em 1845, também em número de 11. Manuseei rapidamente as 11 páginas e vi que não tinha nada a ver. Depois lembrei vagamente de O MUNDO DE SOFIA, em que a menina Sofia recebe cartas anônimas falando sobre a história da filosofia. Passei batido.

O mistério começou a me rondar. Logo me veio à cabeça Nasrudin, o lendário sábio turco, do século XIII, que também era avesso a aparições públicas e sempre tinha uma palavra ‘definitiva’ a dizer quando era provocado.

Sem relação... (direta). Afinal, tudo tem relação com tudo, mesmo quando não aparenta ter... Depois me lembrei de Marcelo, meu amigo-irmão carioca que me falou da última vez que conversamos sobre o livro de Ailton Krenak: **IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO**. Juro que achei que era uma brincadeira dele. Liguei pra ele como se tivesse certeza. “*Mano, recebi sua correspondência, da próxima vez, coloca o remetente...*” A resposta negativa de Marcelo, por ser impubescível, só permite sua pergunta: “*Pirou?*”

Bem, antes de buscar informações sobre Pierre Ghoznée e tentar descobrir as coisas sobre ele e sobre quem teria me enviado o envelope, li a primeira tese.

1ª TESE PARA SALVAR O FIM DO MUNDO

Acredite em tudo e duvide de tudo. Tome o amor como parâmetro. E pense com calma. Para salvar o fim do mundo, continue acreditando, duvidando e amando.

As explicações sobre a primeira tese se estendem pela primeira página. Ghoznée fala sobre o amor das corujas, o amor entre as montanhas (como aliás conta Ailton Krenak) e o amor das violetas. Exemplifica. A mim convenceu.

Resolvi, já na primeira tese, continuar acreditando, duvidando e amando. Antes de pensar no misterioso remetente, continuei folheando ...

2ª TESE PARA SALVAR O FIM DO MUNDO

É preciso descompetir. O fim do mundo será resultado da competição. Não se compete com a injustiça. Lutamos para vencê-la sempre. Mesmo que a justiça perca, o vencedor injusto vence porque compete.

Mas quando a justiça vence não deve haver vencedor, será apenas a justiça que chega. A injustiça continua por aí, tentando competir, e a justiça continua por aí lutando.

Na competição, mesmo a vitória dos justos se perde ao achar que o perdedor injusto é inferior.

A competição entre justos e injustos é predatória da espécie humana. Achar-se vencedor sobre alguém é uma forma estranha à natureza.

As explicações sobre a segunda tese falam das corridas de gazelas, do convívio entre flores num jardim e do encontro das águas dos rios com os mares. A mim convenceu.

Resolvi aumentar o tom de minha luta por justiça e não querer ser mais vencedor, como numa competição. Apenas lutar para ver a justiça chegar. Antes de ir para a terceira tese fui averiguar com Ramón quem havia entregado o envelope. “*Un motociclista repartidor de pizza*”, esclareceu, ou seja, não esclareceu. Bem, parei a leitura e fui à internet: Pierre Ghoznée. Nada. Apelei para imagens. Apareceram umas espécies de fantasmas, talvez pelas três primeiras letras GHO (de ghost, fantasma em inglês). Coloquei GHO.

Apareceu um observatório da Organização Mundial de Saúde e, também, um tipo de vestimenta. “*O gho ou g’ô é a vestimenta tradicional para os homens no Butão. Introduzida no século XVII por Ngawang Namgyal, o primeiro Zhabdrung Rinpoche, para dar uma identidade ao povo Ngalop, é um tipo de robe que se estende até os joelhos, amarrado à cintura por um cinto de pano conhecido como kera.*” E pra me confundir mais, a banda de rock *heavy-metal* GHOST é sueca. *Será que esse Pierre Ghoznée é sueco?* Pensei. Ramón chegou silencioso por trás de mim, levei um susto... “*¿Estas preocupado por algo?*” Respondi que não estava preocupado. Estava intrigado. Liguei para Emmanuel, meu amigo do Departamento de Filosofia da Universidade Nacional de Colombia. Contei-lhe toda a história e dois dias depois me mandou a mensagem:

Pierre Ghoznée é um filósofo provavelmente francês e provavelmente naturalizado argelino ou marroquino, misantropo, avesso a redes sociais, e que só se sabe que provavelmente está vivo porque trata de coisas contemporâneas, inclusive da pandemia do Sars-Cov 2. Seus abundantes escritos são recolhidos por seus seguidores no lixo das modestas cabanas que costuma habitar em suas peregrinações pelo Norte da África. Seus seguidores são anônimos e, ao que tudo indica, Ghoznée não sabe dessa sua existência, ou finge não saber, dele nunca se sabe nada.

A mesma mensagem que comecei este texto. Volto logo.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.